

JANUÁRIO BARCELONOS

SILVA MENDES

000341



# Socialismo libertario ou Anarchismo

HISTORIA E DOCTRINA

« O dragão que está á entrada do palacio anarchico  
nada tem de terrivel : é uma palavra apenas ! »

ELISÉE RECLUS.

1896

## CAPITULO V

### A propaganda pelo facto

Se o ultimo quartel do seculo XIX ha de ficar celebre na historia pela lucta titanica do povo slavo para obter a sua emancipação politica, despertada pelas ideias libertarias germanicas e latinas que se estenderam, como labaredas, até esse paiz de sonhadores; maior renome lhe advirá da profundissima agitação revolucionaria nas massas operarias contra a organização da sociedade actual, determinada pelos ultimos congressos da *Internacional*.

Se a philosophia de Kant, Hegel, Hartmann e Schopenhauer fez germinar e desenvolver até á incandescencia o espirito de revolta nos cerebros mysticos dos slavos; a de Proudhon, Karl Marx, Bakounine, Reclus e Kropotkine illuminou com clarões de odio as victimas do Capital e do Poder.

A *Internacional* foi, com effeito, a fornalha em que se temperaram os cerebros dos opprimidos; o crisol em que se purificaram as ideias vagas e nebulosas de um futuro melhor; o templo em que se robusteceu a fé e se excitou a esperanza dos vencidos.

Não mais religião! Os padres que nos prégam humildade e resignação perante os vexames e crueldades do Poder e do Capital, pretendem aviltar-nos. Deus é um phantasma com que querem illudir-nos; Deus não existe, porque, se existisse, o homem seria eternamente escravo (Bakounine). O Eden não fica atraz de nós, mas sim na nossa frente (Saint-Simon); o Ceo é cá na Terra; após a morte, espera-nos o Nada (Büchner). Não ha moral senão na liberdade (Bakounine); somos todos irmãos. Abaixo a Religião! Viva a Fraternidade!...

Não mais Capital! E' um vicio mantido pelos erros da historia (Karl Marx); a propriedade é a religião da Força (Proudhon). A natureza não produz uma classe de capitalistas e outra de proletarios; é a organização da sociedade que permite as desigualdades (Karl Marx). A propriedade é o roubo; o capital, o suor dos trabalhadores (Proudhon). Abaixo a Propriedade e o Capital! Morte aos capitalistas! Viva a Igualdade!...

Não mais Estado! A sociedade actual baseia-se sobre uma combinação machiavelica que faz concorrer o povo para a sua propria ruina (Bakounine). O Estado tem por base e fim a conservação da propriedade particular em beneficio de uma minoria dominante (Bakounine). E' um instrumento de corrupção (Reclus); a fortaleza do capital; a arma dos oppressores (Bakounine). Mas nós somos maiores; não queremos tutella por mais tempo (Kropotkine). Nós somos livres, não queremos quem nos governe; sabemos governar-nos. Abaixo o Estado! Morra o Despotismo! Viva a Liberdade!...

Clamou assim a *Internacional*. E, d'ahi em diante, o petroleo brilhou, o punhal luziu, a dynamite troou e a

terra convulsionou-se. A Communa de Paris foi uma cratera que se abriu, a bomba de Ravachol um pedaço de lava vomitada, a lamina de Caserio um relampago que illuminou e envermelheceu a farda de Carnot... Mas onde ha uma intelligencia mais lucida do que a de Elisée Reclus e um coração maior do que o de Kropotkine?!...



A propaganda anarchista pelo facto data propriamente dos ultimos annos da evangelisação de Bakounine. Se á Communa de Paris não podemos chamar uma revolução anarchista, nem mesmo á insurreiçáo hespanhola de 1872, outro tanto não podemos dizer das tentativas de Bolonha, em 1874, e de Benevento, em 1877.

Ambas foram organisadas pelos amigos de Bakounine, que, nos ultimos annos da sua vida, já alquebrado e doente, se occupava em Locarno a educar os seus discipulos nos processos revolucionarios. «O plano que então seguia, escreve o autor dos *Souvenirs de Débagori-Mokriévitch*, era o seguinte: organizar uma conspiração composta de homens escolhidos, prontos a sacrificarem-se e ensaiados para se encontrarem n'um dado momento para, com as armas na mão, effectuarem uma revolta n'um logar determinado, atacando em primeiro logar a camara municipal e passando depois á «liquidação» do regimen actual, isto é, á confiscação das propriedades, das fabricas, etc.»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vide Michel Dragomanov, *Correspondance de Michel Bakounine*, prefacio, pag. 85, trad. por Marie Stromberg. Paris, Perrin et C.<sup>ie</sup>, 1896.